

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Cuvatã
Cupania vernalis

volume
2

Cuvatã

Cupania vernalis

Fernandes Pinheiro, PR



Cuvatã

Cupania vernalis

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a posição taxonômica de *Cupania vernalis* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledonae)

Ordem: Sapindales

Família: Sapindaceae

Gênero: *Cupania*

Espécie: *Cupania vernalis* Cambessedes

Publicação: in Saint-Hilaire, Fl. Bras. Merid. 1:387, 1825.

Sinonímia botânica: *Cupania clethroides* Mart.; *Cupania vernalis* Camb. F1: *genuina* Radlk.; *Cupania vernalis* Camb. F2: *clethroides* (Mart.) Radlk.

Nomes vulgares por Unidades da

Federação: assa-leitão, em Goiás; camboatá e cragoatã, em Mato Grosso; camboatã, camboatá,

camboatá, gragoatã, gragoatã e pau-de-cantil, em Minas Gerais; camboatá, cambratã, curantã, cuvata, cuvanta, miguel-pintado, pau-de-cantil e pingaleira, no Paraná; arco-de-peneira, camboatá, camboatã-vermelho e camboatã-vermelho, no Rio Grande do Sul; camboatá, no Estado do Rio de Janeiro; camboatá, camboatã-branco, camboatã-vermelho, covatã, cuvanta, cuvata e miguel-pintado, em Santa Catarina; arco-de-peneira, arco-de-pipa, camboatã, camboatá, cuvanta, gragoatã, pau-de-cantil e pau-de-espeto, no Estado de São Paulo.

Nomes vulgares no exterior: *aguay colorado* e *camboatã*, na Argentina; *ramo colorado*, na Bolívia; *jaguarata'y* e *petato*, no Paraguai; *camboatã*, no Uruguai.

Etimologia: o nome genérico *Cupania* foi dado em homenagem ao monge e botânico italiano Francesco Cupani (1657 – 1710), diretor do Jardim Botânico do Príncipe della Católica (Sicília, Itália) e autor de *Hortus Catholicus* e de outros trabalhos botânicos (GUARIM NETO, 1985); o epíteto específico *vernal* vem do latim *vernal* (vernal), relativo à primavera (REITZ, 1980).

Descrição

Forma biológica: arvoreta a árvore perenifólia. As árvores maiores atingem dimensões próximas de 25 m de altura e 80 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

Tronco: geralmente é tortuoso, muitas vezes com presença de nós. O fuste é geralmente curto, com até 7 m de comprimento.

Ramificação: é dicotômica. A copa é larga, irregular, densifoliada e de cor verde-escura acentuada. Os ramos são cilíndricos, desde estriados até sulcados, glabrescentes a hirsutos, algumas vezes lenticelados, na maioria das vezes com cicatrizes foliares.

Casca: tem espessura de até 11 mm. A superfície da casca externa é áspera, dura, escura e levemente fissurada longitudinalmente (árvores adultas). Ao ser raspada, apresenta coloração grisáceo-escura. A casca interna é dura, levemente aromática e rosada. Quando cortada, oxida-se, tornando-se da cor de ferrugem, que contrasta, vivamente, com o branco do alburno.

Folhas: são compostas, alternas, paripinadas e muitas vezes parecendo imparipinadas, em virtude da posição alterna ou suboposta dos folíolos ao longo da ráquis. Medem de 10 a 35 cm de comprimento. O folíolo terminal é abortado ou atrofiado. Apresenta de 8 a 18 folíolos alternos ou quase opostos, oblongos ou elípticos, discolorados, coriáceos e ásperos ao tato, serreado-denteados, com nervuras densas, bem evidentes e salientes na face inferior, peciolados ou subsésseis, com bordos serreado-dentados, características pelas quais se distinguem, facilmente, das duas outras espécies de camboatá (*Matayba elaeagnoides* e *M. guianensis*), que apresentam folíolos membranáceos e lisos nas bordas, com ápice arredondado e base pontiaguda, margem serreado-dentada, medindo de 4 a 15 cm de comprimento por 2 a 4 cm de largura, com a página inferior dos folíolos pilosa.

Inflorescências: apresentam-se em panículas, medindo de 10 a 28 cm de comprimento por até 15 cm de largura. São terminais, axilares, ramificadas, comumente robustas, ferrugíneo-hirsutas, constituídas de cúlulas (GUARIM NETO, 1985).

Flores: são muito odoríferas, alvo-esverdeadas, também róseo-claras, chegando a medir até 8 mm de comprimento. São pediceladas, com pedicelo cilíndrico, hirsuto e bracteolado, medindo até 2 mm de comprimento.

Fruto: o fruto é uma cápsula coriácea deiscente, que se abre em três valvas, obovóide ou piriforme-trígona, subséssil, curtamente tomentosa ou glabra, com endocarpo tomentoso-

piloso, medindo de 1 a 2 cm de diâmetro. Em cada fruto há de 1 a 3 sementes.

Semente: apresenta formato obovóide e mede de 8 a 12 mm de comprimento. É negra-lustrosa, de testa luzidia e, na maior parte ou até a metade, é encoberta por arilo carnoso, de coloração alaranjada.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: essa espécie é monóica.

Vetor de polinização: borboletas, mariposas, abelhas e diversos insetos pequenos, entre os quais os sirfídeos – Diptera: Syrphidae (ARRUDA; SAZIMA, 1996).

Floração: de fevereiro a julho, no Paraná; de fevereiro a setembro, em Santa Catarina; de abril a maio, em Goiás (GUARIM NETO, 1994); de julho a agosto, no Rio Grande do Sul (AMARAL, 1979); de julho a setembro, no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999) e de outubro a novembro, no Estado do Rio de Janeiro.

Frutificação: os frutos amadurecem de junho a agosto, em Goiás (GUARIM NETO, 1994); de agosto a dezembro, no Paraná; de setembro a outubro, em Minas Gerais; de outubro a dezembro, em Santa Catarina; de outubro a janeiro, no Rio Grande do Sul (LONGHI et al., 1984) e de novembro a dezembro, no Estado de São Paulo.

Dispersão de frutos e sementes: é zoocórica, principalmente ornitocórica. As aves contentam-se só com o arilo, desprezando a semente, cuja testa é relativamente dura.

Ocorrência Natural

Latitudes: de 3° N, em Roraima, a 31° 50' S, no Rio Grande do Sul.

Variação altitudinal: de 30 m, no Rio Grande do Sul, a 1.300 m de altitude, em Minas Gerais.

Distribuição geográfica: *Cupania vernalis* ocorre de forma natural no norte da Argentina (MARTINEZ-CROVETTO, 1963), no sul da Bolívia (KILLEEN et al., 1993), no leste do Paraguai (LOPEZ et al., 1987) e no norte do Uruguai (GRELA, 2003).

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 23):

- Amapá (GUARIM NETO, 1985).
- Amazonas (GUARIM NETO, 1985).
- Bahia (GUARIM NETO, 1985; PINTO et al., 1990; MENDONÇA et al., 2000).
- Distrito Federal (GUARIM NETO, 1985);

- FILGUEIRAS; PEREIRA, 1990; WALTER; SAMPAIO, 1998; PROENÇA et al., 2001).
- Espírito Santo (LOPES et al., 2000).
 - Goiás (GUARIM NETO, 1985; GUARIM NETO, 1994; IMAÑA-ENCINAS; PAULA, 1994; GUARIM NETO, 1996; PAULA et al., 1996).
 - Maranhão (GUARIM NETO et al., 2000).
 - Mato Grosso (RATTER et al., 1978; GUARIM NETO, 1985, 1991 e 1996; GUARIM NETO et al., 1996; PINTO, 1997).
 - Mato Grosso do Sul (LEITE et al., 1986).
 - Minas Gerais (RATTER et al., 1978; GUARIM NETO, 1985; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992a; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; BRANDÃO; BRANDÃO, 1995; VILELA et al., 1995; CARVALHO et al., 1996; ALMEIDA; SOUZA, 1997; ARAÚJO et al., 1997a; CORAIOLA, 1997; MEIRA-NETO et al., 1997; PEDRALLI et al., 1997; ATTALA et al., 2000; CARVALHO et al., 2000a, b; NAPPO et al., 2000; RODRIGUES, 2001; CARVALHO, 2002; LOPES et al., 2002; ROCHA, 2003; SILVA et al., 2003; GOMIDE, 2004; MEYER et al., 2004).
 - Pará (GUARIM NETO, 1985).
 - Paraíba (GUARIM NETO et al., 2000).
 - Paraná (KLEIN, 1962; CARVALHO, 1980; REITZ, 1980; INOUE et al., 1984; GUARIM NETO, 1985; LEITE et al., 1986; RODERJAN; KUNIYOSHI, 1989; CERVI et al., 1990; GOETZKE, 1990; RODERJAN, 1990a; RAMOS et al., 1991; BRITZ et al., 1992; SILVA et al., 1992; SOARES-SILVA et al., 1992; TOMÉ; VILHENA, 1996; DIAS et al., 1998; SOARES-SILVA et al., 1998; MIKICH; SILVA, 2001; BIANCHINI et al., 2003).
 - Rio Grande do Sul (MATTOS, 1965; BAPTISTA; IRGANG, 1972; KNOB, 1978; MAIXNER; FERREIRA, 1978; SOARES et al., 1979; REITZ, 1980; MARTAU et al., 1981; AGUIAR et al., 1982; JACQUES et al., 1982; PEDRALLI; IRGANG, 1982; REITZ et al., 1983; PEDRALLI, 1984; BRACK et al., 1985; GUARIM NETO, 1985; JARENKOW, 1985; LONGHI et al., 1986; BUENO et al., 1987; LONGHI, 1987; LONGHI, 1991; GIRARDI-DEIRO et al., 1992; TABARELLI, 1992; TABARELLI et al., 1992; LONGHI, 1995, 1997; JARENKOW; WAECHTER, 2001; NASCIMENTO et al., 2001).
 - Estado do Rio de Janeiro (GUARIM NETO, 1985; PEIXOTO et al., 2004).
 - Rondônia (GUARIM NETO, 1985).
 - Roraima (GUARIM NETO, 1985; MIRANDA; ABSY, 2000).
 - Santa Catarina (KLEIN, 1969; REITZ et al., 1978; REITZ, 1980; GUARIM NETO, 1985; MACHADO et al., 1992; NEGRELLE; SILVA, 1992; SILVA et al., 1998).
 - Estado de São Paulo (KUHLMANN; KUHN, 1947; NOGUEIRA, 1976; GUARIM NETO, 1985; PAGANO, 1985; MATTHES et al., 1988; CRUZ et al., 1989; CUSTODIO FILHO, 1989; MEIRA NETO et al., 1989; PAGANO et al., 1989; DURIGAN; DIAS, 1990; RODRIGUES et al., 1989; NICOLINI, 1990; GANDOLFI, 1991; TOLEDO FILHO et al., 1993; COSTA; MANTOVANI, 1995; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; ROZZA, 1997; CAVALCANTI, 1998; IVANAUSKAS et al., 1999; ALBUQUERQUE; RODRIGUES, 2000; DURIGAN et al., 2000; AOKI et al., 2001; BERTANI et al., 2001; BERTONI et al., 2001; SILVA; SOARES, 2002).

Aspectos Ecológicos

Grupo ecológico ou sucessional: essa espécie é secundária inicial (ROZZA, 1997) a secundária tardia (DURIGAN; NOGUEIRA, 1990).

Importância sociológica: o cuvatã ocorre tanto no interior da floresta primária como em todos os estágios das formações secundárias. Contudo, é pouco freqüente nas florestas, ocorrendo com mais freqüência nas capoeiras.

Em Mato Grosso, essa espécie forma associações muito extensas, principalmente em áreas de transição de Cerrado para Cerradão, ocorrendo muitas vezes ao lado de associações de *Matayba guianensis* (GUARIM NETO, 1985). Cresce, normalmente, em áreas marginais dos Cerradões e no estrato mediano das florestas semidecíduas (GUARIM NETO, 1986).

Biomass / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), nas formações das Terras Baixas, Submontana e Montana, no Rio Grande do Sul (LONGHI et al., 1986; TABARELLI, 1992; JARENKOW; WAECHTER, 2001).



Mapa 23. Locais identificados de ocorrência natural de cuvata (*Cupania vernalis*), no Brasil.

- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Aluvial, Submontana e Montana, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo, com frequência de 1 a 54 indivíduos por hectare (TOMÉ; VILHENA, 1996; MEIRA NETO et al., 1997; IVANAUSKAS et al., 1999; CARVALHO et al., 2000a e b; DURIGAN et al., 2000; RODRIGUES, 2001; LOPES et al., 2002; SILVA; SOARES, 2002; ROCHA, 2003).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas subformações Submontana e Montana, no Paraná; nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, e em Santa Catarina, com frequência de até oito indivíduos por hectare (NASTRI et al., 1992).
- Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), nas formações Aluvial e Montana, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, com frequência de 2 a 102 indivíduos por hectare (JARENKOW, 1985;

GALVÃO et al., 1989; LONGHI, 1997).

Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado lato sensu, na Bahia (MENDONÇA et al., 2000), em Mato Grosso (GUARIM NETO, 1996) e em Roraima (MIRANDA; ABSY, 2000).
- Savana Florestada ou Cerradão, no Estado de São Paulo, onde ocorre ocasionalmente (DURIGAN et al., 1999).

Bioma Pantanal

- Pantanal Mato-Grossense, onde é encontrado na Rodovia Transpantaneira e nas margens do Rio Paraguai (GUARIM NETO, 1996).

Outras formações vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, em Goiás, em

Minas Gerais, no Paraná e no Distrito Federal, com frequência de 2 a 190 indivíduos por hectare (SILVA et al., 1992; SOARES-SILVA et al., 1992; IMAÑA-ENCINAS; PAULA, 1994; VILELA et al., 1994; PAULA et al., 1996; MEIRA-NETO et al., 1997; SOARES-SILVA et al., 1998; MORAIS et al., 2000; WERNECK et al., 2000; MEYER et al., 2004).

- Campos rupestres (GUARIM NETO, 1996).
- Estepe ou campos, no Rio Grande do Sul (GIRARDI-DEIRO et al., 1992).
- Floresta de pau-ferro (*Myracrodruon balansae*), no Rio Grande do Sul, com frequência de até 15 indivíduos por hectare (LONGHI, 1987).

Fora do Brasil, ocorre no Paraguai, onde forma uma parte do estrato mediano da Selva Oriental (LOPEZ et al., 1987).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 1.000 mm, na Bahia, a 2.700 mm, no Estado de São Paulo.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas, na Região Sul (excetuando-se o norte do Paraná) e no sudoeste do Estado de São Paulo. Uniformes ou periódicas, na faixa costeira da Bahia. Periódicas, nos demais locais.

Deficiência hídrica: nula, na Região Sul (excetuando-se o norte do Paraná) e no sudoeste do Estado de São Paulo. Nula ou pequena, na faixa costeira da Bahia. Pequena, no verão, no sul do Rio Grande do Sul. Pequena, no inverno, no norte do Paraná e no extremo sul de Mato Grosso do Sul. De pequena a moderada, no inverno, no centro e no leste do Estado de São Paulo, no sul de Minas Gerais, no sudoeste do Espírito Santo, no Distrito Federal e no sul de Goiás. De pequena a moderada, no Pará, no Amazonas, em Rondônia, em Roraima, e no norte de Mato Grosso. Moderada, no inverno, no sudeste e no leste de Minas Gerais, no oeste do Estado de São Paulo e no norte do Paraná. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais e no centro de Mato Grosso. De moderada a forte, no oeste da Bahia.

Temperatura média anual: 15,5 °C (Caçador, SC) a 26 °C (Itacotiara, AM).

Temperatura média do mês mais frio: 10,7 °C (Caçador, SC) a 25,4 °C (Santarém, PA).

Temperatura média do mês mais quente: 19,9 °C (Curitiba, PR) a 27,2 °C (Chapada dos Guimarães, MT).

Temperatura mínima absoluta: -10,4 °C (Caçador, SC). Na relva, a temperatura mínima absoluta pode chegar até -15 °C.

Número de geadas por ano: médio de 0 a 30; máximo absoluto de 57 geadas, na Região Sul.

Classificação Climática de Koeppen:

Af (tropical superúmido), na faixa costeira da Bahia e do Estado de São Paulo. **Am** (tropical chuvoso, com chuvas do tipo monção, com uma estação seca de pequena duração), no Amazonas e no Pará. **Aw** (tropical úmido de savana, com inverno seco), na Bahia, em Mato Grosso, em Minas Gerais, no Estado do Rio de Janeiro, em Rondônia e em Roraima. **Cfa** (subtropical úmido, com verão quente), no Paraná, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Estado de São Paulo. **Cfb** (temperado sempre úmido, com verão suave e inverno, com geadas frequentes), no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. **Cwa** (subtropical, com inverno seco não rigoroso e verão quente e moderadamente chuvoso), no Distrito Federal, em Goiás, em Minas Gerais, e no Estado de São Paulo.

Cwb (subtropical de altitude, com verões chuvosos e invernos frios e secos), no sul de Minas Gerais e no Estado de São Paulo.

Solos

O cuvatã ocorre, naturalmente, em diversos tipos de solos.

Sementes

Colheita e beneficiamento: produz, anualmente, moderada quantidade de sementes viáveis, amplamente disseminadas pela avifauna. A semente é colhida quando madura, geralmente no solo. O arilo, que envolve a semente, deve ser retirado.

Número de sementes por quilo: 2.580 (LORENZI, 1992) a 5.008 (ALCALAY et al., 1988).

Tratamento pré-germinativo: não há necessidade. Sementes imersas em água, à temperatura ambiente por 12 horas, apresentaram 43% de germinação contra 65% sem imersão (MARCHETTI, 1984).

Longevidade e armazenamento: as sementes dessa espécie têm comportamento tipicamente recalcitrante quanto ao armazenamento (CARVALHO, 2000), não suportando períodos de armazenamento maiores do que 6 meses (LONGHI et al., 1984; EIBL et al., 1994). Sementes com facultade germinativa inicial de 65%, após 60 dias caíram para 12% (MARCHETTI, 1984).

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semear em sacos de polietileno, ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio. Quando necessária, a repicagem pode ser feita de 35 a 45 dias após a semeadura.

Germinação: é hipógea ou criptocotiledonar. A emergência ocorre de 30 a 130 dias após a semeadura. O poder germinativo é irregular, variando de 40% até 80%. As mudas atingem porte adequado para plantio, cerca de 8 meses após a semeadura.

Cuidados especiais: as plântulas de cuvatã não suportam a luz direta, motivo pelo qual devem ser plantadas em canteiros cobertos por esteiras ou ripados (REITZ et al., 1983).

Características Silviculturais

O cuvatã é uma espécie esciófila, com muita tolerância à sombra (SIMINSKI; PAULLILO, 2000). Muitas vezes, sua regeneração é abundante dentro da floresta. Essa espécie tolera baixas temperaturas.

Hábito: apresenta crescimento monopodial, com boa desrama natural.

Métodos de regeneração: *Cupania vernalis* é inadequada para plantio a céu aberto. Recomenda-se plantio em vegetação matricial arbórea: capoeiras ou capoeirões, abrindo-se picadas. Essa espécie apresenta brotação vigorosa da touça.

Crescimento e Produção

Existem poucos dados de crescimento do cuvatã em plantios (Tabela 20).

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira do cuvatã é moderadamente densa (0,65 a 0,84 g.cm⁻³) a 15% de umidade (MAINIERI; CHIMELO, 1989; PAULA; ALVES, 1997).

Tabela 20. Crescimento de *Cupania vernalis*, em plantio, no Paraná.

| Local | Idade (anos) | Espaçamento (m x m) | Plantas vivas (%) | Altura média (m) | DAP médio (cm) | Classe de solo (a) |
|------------------------------|--------------|---------------------|-------------------|------------------|----------------|--------------------|
| Foz do Iguaçu ⁽¹⁾ | 1 | 4 x 3 | 93,3 | 0,45 | ... | LVdf |
| Rolândia ⁽²⁾ | 4 | 5 x 5 | 100,0 | 4,03 | 4,8 | LVdf |

(a) LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico.

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: ⁽¹⁾ Embrapa Florestas / Itaipu Binacional.

⁽²⁾ Embrapa Florestas / Fazenda Bimini.

Cor: o alburno é estreito, ligeiramente diferenciado do cerne, quanto à cor. O cerne varia de bege a bege-claro, ligeiramente rosado.

Características gerais: essa madeira apresenta textura fina a média e grã direita a irregular. A superfície é lisa ao tato e de pouco brilho, e o cheiro e o gosto são imperceptíveis.

Durabilidade natural: em ensaios de laboratório, essa madeira demonstrou ser de média resistência ao ataque de organismos xilófagos (MAINIERI; CHIMELO, 1989).

Preservação: quando submetida à impregnação sob pressão, essa madeira demonstrou ser pouco a moderadamente permeável às soluções preservativas.

Trabalhabilidade: essa madeira é compacta, elástica e recebe bem o verniz.

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: a madeira dessa espécie apresenta pequeno valor comercial, podendo ser usada em obras internas, marcenaria, carpintaria, mourões, tábuas, esteios, cepos de tamanco, fôrmas para calçados, implementos agrícolas, entalhes, peças torneadas, tacos e tábuas para assoalho.

Energia: produz boa lenha e ótimo carvão.

Celulose e papel: *Cupania vernalis* é inadequada para esse uso.

Substâncias tanantes: a casca do cuvatã fornece tanino (REITZ, 1980).

Apícola: as flores dessa espécie são melíferas, fornecendo néctar (BARROS, 1960).

Paisagístico: a árvore é esbelta e pode ser empregada em paisagismo, principalmente em arborização de ruas, por apresentar folhagem ornamental propícia para sombreamento (GUARIM NETO, 1986; LORENZI, 1992).

Plantios em recuperação e restauração ambiental: o cuvatã produz frutos muito procurados por pássaros, sendo útil para plantios mistos destinados à recomposição de áreas degradadas de preservação permanente

e apropriada para restauração de ambientes ripários (VILELA et al., 1993) e nos reservatórios das hidrelétricas.

Cupania vernalis é uma das espécies da floresta com araucária, com boa deposição de serapilheira e macronutrientes, caracterizando-se como espécie perene e de grande importância na estrutura da floresta (BRITEZ et al., 1992).

Espécies Afins

O gênero *Cupania* foi estabelecido em 1703, por Linnaeus, e tem sua distribuição neotropical, desde o México até a Argentina, com 42 espécies e mais 7 duvidosas, dispersas pelo Brasil desde a

Região Norte até o extremo Sul, no Rio Grande do Sul, perfazendo um total de 26 espécies perfeitamente delimitadas (GUARIM NETO, 1985).

O cuvata é uma das espécies do gênero *Cupania* de maior distribuição fitogeográfica, ocorrendo em diferentes formações, tanto amazônicas como extra-amazônicas.

Cupania vernalis é muito semelhante a *Cupania cinerea*, causando realmente muita confusão na identificação. Uma característica de importância para a separação é exatamente a ausência em *C. vernalis* da pilosidade de cor cinérea da face inferior dos folíolos, tão marcante em *C. cinerea*.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui